



XXXV ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA “A
DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA DA
DIVERSIDADE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO
XXI” Erechim-RS, 12 a 14 de outubro de 2018

**O CONCEITO ROMÂNTICO DE NATUREZA EM ALEXANDER VON
HUMBOLDT (1769 – 1859): ESTUDOS PRELIMINARES**

Maurício Sérgio Bergamo¹
Fabrício Pedroso Bauab²

RESUMO: O presente artigo visa destacar, muito brevemente, visto a amplitude do tema, as bases filosóficas do pensamento geográfico de Alexander von Humboldt. Influenciado pelos intelectuais que pertenceram ao Movimento Romântico Alemão, do final do século XVIII e do início do século XIX, o presente artigo detém-se a analisar alguns dos principais sustentáculos filosóficos de Humboldt, no que parece ser, à primeira vista, simples descrições paisagísticas apresentadas nos *Quadros da Natureza* (1795). Por detrás dos minuciosos detalhes da natureza, oferecidos por Humboldt em sua obra, ofusca-se um conjunto de conhecimentos filosóficos e estéticos enraizados, sobretudo, na subjetividade do espírito e no valor verosímil dos símbolos heurísticos. Para os românticos, a busca inesgotável pelas verdades, referentes à natureza, torna-se necessidade. A interminável contingência da concepção de universo romântico interrompe o fluxo retilíneo, previsivelmente determinado pelas regras da Geometria. Longe disso, a natureza exorbita o plano axiomático dos números e dos algoritmos, deixando de ser um conjunto fragmentando de corpos objetivos para tornar-se uma unidade misteriosa e enigmática, abarcada pelo absoluto existencial infinito.

Palavras-Chave: Espírito; Heurístico; Geometria.

INTRODUÇÃO

Define-se como principal objeto de investigação científica deste artigo, a natureza. Nesta ocasião, a ideia de natureza será pesquisada a partir dos aspectos qualitativos e

1 Graduado em Licenciatura em Geografia pela Universidade Regional Integrada (2010). Pós-Graduado Lato Sensu em História da Ciência, pela Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus de Erechim/RS, (2013). Pós-Graduado Lato-Sensu em Epistemologia e Metafísica pela Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus de Erechim, (2015). Pós-Graduado Stricto Sensu, nível mestrado em Geografia, pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Campus de Francisco Beltrão/PR. Acadêmico do curso de Pós-Graduação Stricto Sensu, nível Doutorado em Geografia, pela mesma instituição. Bolsista CAPES.

2 Doutorado em Geografia pela Universidade Estadual Paulista - Júlio de Mesquita Filho, Brasil(2005). Professor adjunto da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil.

Realização:





XXXV ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA “A
DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA DA
DIVERSIDADE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO
XXI” Erechim-RS, 12 a 14 de outubro de 2018

incomensuráveis, apresentados pelos intelectuais que pertenceram ao Romantismo Alemão do século XVIII.

A Alemanha foi o centro intelectual, artístico e filosófico do século XVIII. Muitos personagens tornaram-se significativos devido a importância das suas teorias filosóficas e científicas. Em Jena, importantes nomes foram (re)conhecidos pela oposição ao racionalismo experimental do Aufklärung (Iluminismo). Diferentemente dos filósofos naturais e dos cientistas modernos, daqueles personagens tipificados pelos jalecos brancos e pelos laboratórios preenchidos por parafernália, em quartos fechados ou porões escuros e úmidos, os pensadores românticos foram identificados como os homens do mundo, viajantes que atravessam oceanos e bravos desbravadores de selvas, cavernas e montanhas. A fascinação estética diante da beleza telúrica das paisagens, dos biomas e dos vários ecossistemas terrestres, ao expressar o caráter nostálgico, transcendente e sentimental da natureza, veiculava o conhecimento à tendências, qualitativas, subjetivas e intangíveis.

A afecção sensorial, do murmúrio das águas, da vivacidade dos bosques ou da infinitude celeste, inspirava pintores, poetas, músicos e dramaturgos na criação de representações artísticas. Para os românticos alemães do século XVIII, nesses contextos, reside a essência do conhecimento científico dos fenômenos da natureza. Sabe-se que as primeiras etapas da estruturação científica da Geografia, são emergente deste período de fervor intelectual, vivido na Alemanha do século XVIII. Alexander von Humboldt (1769-1859), cientista-artista, viajante-aventureiro e escritor-detalhista das paisagens naturais terrestres, espírito vivo e ativo na Alemanha do século XVIII, é destacado por Vitte (2007), como um dos principais geógrafos clássicos, responsável pela estruturação e organização científica dos conhecimentos geográficos.

Com isso, pretende-se fazer uma análise da ideia de natureza, em uma perspectiva epistemológica, levando em consideração o legado dos principais autores do Romantismo Alemão do século XVIII, como minha titulação acadêmica obtida, como licenciado em Geografia, como Especialista em História da Ciência, como Especialista em Epistemologia e Metafísica e como Mestre em Geografia. Com esse olhar interdisciplinar, espera-se acrescentar novos olhares e novas perspectivas no cenário geral da Epistemologia e da

Realização:





XXXV ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA “A
DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA DA
DIVERSIDADE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO
XXI” Erechim-RS, 12 a 14 de outubro de 2018

História do Pensamento Geográfico e, conseqüentemente, novas questões e debates no campo epistêmico da Geografia.

A NOÇÃO DE NATUREZA INSTRÍNSECA DO ROMANTISMO ALEMÃO (SÉC. XVIII-XIX) E A GEOGRAFIA DE HUMBOLDT.

O estado telúrico da natureza, para os intelectuais que pertenceram ao Primeiro Romantismo Alemão, foi fonte de inspiração poética, estética e artística. O caráter nostálgico das paisagens naturais, dos diversificados ambientes terrestres e dos distintos ecossistemas mundanos, significou, para o movimento romântico alemão do século XVIII, a possibilidade de transcendia do espírito ao infinito, diante da finitude material e corpórea dos seres da natureza. A posição intelectual tomada pelos letrados que fizeram parte do Primeiro Romantismo Alemão tem sua origem nas críticas direcionadas ao Iluminismo - *Aufklärung* - cujo principal representante foi Immanuel Kant (1724-1804). Esse movimento filosófico, caracterizado pela proeminência da razão sob a sensibilidade subjetiva, auxiliou a veiculação do conhecimento científico à grandezas métricas, quantitativas e mensuráveis. A cosmovisão conformada nessa relação que dissocia sujeito e objeto, na busca pela veracidade científica dos fenômenos da natureza, foi instituída pelo cálculo matemático e pela objetividade racional. Em seu *Pensamento Geográfico Brasileiro: as matrizes clássicas originárias*, Moreira (2010), apresenta a imagem de natureza concernente ao Iluminismo filosófico alemão:

Kant não é um geógrafo de formação, mas um filósofo do Iluminismo. Preocupa-o como filósofo o estado de defasagem em que Filosofia se encontra em relação ao avanço da ciência no século XVIII. O avanço da ciência dá-se no campo da interpretação da natureza, que está nesse momento sendo redefinida, retirada do seu conteúdo e entendimento aristotélico de mundo de nossa percepção sensível, junto ao nascimento da Astronomia copernicana e da Física galileano-newtoniana. O novo conceito a reduz à dimensões do inorgânico e das relações matemáticas, excluindo tudo mais, surgindo, assim, uma concepção de natureza-sem-o-orgânico-e-sem-o-homem, da qual deriva uma dualidade natureza-homem que, ao lado da dualidade sujeito-objeto de Descartes, incomoda Kant (p. 14).

Realização:





XXXV ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA “A
DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA DA
DIVERSIDADE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO
XXI” Erechim-RS, 12 a 14 de outubro de 2018

Os efeitos da revolução copernicana do século XV ocasionaram expressivas transformações, três séculos mais tarde, na Filosofia Alemã do século XVIII. Ao passo que a Matemática expressou para Copérnico a linguagem inequívoca dos fenômenos cósmicos, o absolutismo da razão, significou para os iluministas do século XVIII, por uma lado a necessidade universal do conhecimento racional, por outro, a impossibilidade de particularidades no âmbito da natureza terrena. Essa conjuntura filosófica, emergente do projeto científico moderno, de acordo com Jarque (2015), está vinculada diretamente aos interesses burgueses, aos programas industriais e a intenções políticas antidemocráticas. O ponto de vista do referido autor é apresentado do seguinte modo:

Durante el siglo XVIII, tanto los empiristas británicos como los *philosophes* franceses actuaron en un marco nacional relativamente claro, donde las palpables realidades de la revolución industrial, la nueva ciencia y la crítica política parecían invitar ao estabelecimiento definitivo de um régimen anti-democrático y al desarrollo de una cultura conjugable com las necesidades inmediatas de la moderna sociedad capitalista. Por el contrario, la *Aufklärung* tuvo que afrontar em Alemania una coyuntura notablemente más confusa [...] Lo atraso alemán venia a consistir en la situación de fragmentación nacional (con una Alemania dividida en incontables principados y ducados soberanos, semif feudales) y, por tanto, determinada por una dramática falta de articulación económica y social en sentido moderno (p. 213).

Carpeaux (1963) afirma que, o *Aufklärung*, encontrou forte oposição na Alemanha devido a existência de movimentos intelectuais alternativos a primazia universal da razão, a ordem sistemática e previsível das grandezas matemáticas e ao absolutismo parcimonioso do *Ancien Régime*. O vigoroso embate contra o progressismo do projeto científico e filosófico matemático-racional, contra o supérfluo luxo das cortes e contra o moralismo rígido das convenções burguesas, foi uma significativa característica do Primeiro Romantismo Alemão. Toda literatura ortodoxa, eclesiástica e renascentista, segundo Carpeaux (1963), foi duramente crítica pelos *sturns*³.

3 Termo que se refere aos membros do movimento *Sturm u Drang* (Tempestade e Ímpeto) do primeiro Romantismo Alemão. Entre os principais nomes, Carpeaux (1963) destaca: Johann Gottfried von Herder, Johann Friedrich von Schiller, Johann Wolfgang von Goethe.



XXXV ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA “A
DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA DA
DIVERSIDADE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO
XXI” Erechim-RS, 12 a 14 de outubro de 2018

Um dos principais motivos da crítica romântica à literatura clássica, era a insuficiência em ascender o sentimento nostálgico e sublime da natureza e a diminuta potência em desvencilhar o espírito humano das efemeridades utilitaristas ligadas ao cooperativismo industrial. Igualmente, a harmonia e a coesão dos sistemas matemáticos foram condenados por conduzirem a uma representação cósmica homogênea e uniforme. A razão instrumental, também foi repreendida por atribuir aos fenômenos da natureza dinâmicas maquinais. Com essa postura, os românticos almejavam o (re)conhecimento de centros históricos distintos do modo de vida europeu, a importância das representações artísticas para a veracidade científica e a instauração de uma visão de mundo preenchida por aspectos qualitativos, misteriosos, e sentimentais. Essa cosmovisão romântica, marcada pela contemplação estética das pluralidades ontológicas da natureza, de acordo com Jarque (2015), aspirava à totalidade harmônica da liberdade humana, estando bastante próxima da teologia. Nesse sentido, o autor destaca que:

A los ojos de aquellos jóvenes inquietos, ajustarse a los compases de una humanidad emancipada, por fin concebible como una totalidad armónica, significaba consagrarse a la tarea de generar una cultura libre de ocasiones, de oposiciones y delimitaciones tanto internas como externas [...]. Por lo demás, no había de suceder sino en forma de belleza, es decir, a través de la cristalización de un discurso poético entendido em un sentido totalizador, como exposición de una nueva racionalidad ya nunca más abstracta y meramente argumentativa, sino concreta, sensible, estética e imaginativa, como una mitología de la razón que, a su vez, sería equivalente a una nueva religión: la última obra, la más grandes, de la humanidad (p. 216-217).

Os românticos acreditavam, que a conjuntura entre religião, arte e filosofia era proeminente em relação aos parâmetros epistemológicos estabelecidos pela ciência moderna e pelo racionalismo filosófico iluminista. A poesia, a pintura, o teatro e as melodias populares, anunciavam, através da manifestação sentimental, uma dimensão muito mais vultosa e formidável do que as proporções métricas expressadas pelos valores matemáticos e pelo racionalismo instrumental. Em decorrência, a natureza, por ser o princípio contemplativo de inspiração das representações artísticas, foi apreendida pelos

Realização:





XXXV ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA “A
DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA DA
DIVERSIDADE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO
XXI” Erechim-RS, 12 a 14 de outubro de 2018

intelectuais do Primeiro Romantismo Alemão, em aspectos subjetivos, qualitativos e não-mensuráveis (CARPEAUX, 1963).

Nessa perspectiva, Jarque (2015) considera o movimento intelectual do Primeiro Romantismo Alemão, do final do século XVII e do início do século XVIII, como projeto de inauguração de uma nova mitologia. A ascendência do espírito ao absoluto via contemplação estética da natureza, o caminho nostálgico para a interpretação do cosmos através da poesia lírica, da dramaturgia dos teatros, da melodia das canções e da admirável beleza das telas artísticas, atribuiu a natureza o caráter esotérico e misterioso concernente a ideia de natureza dos gregos da Antiguidade.

Así pues, la presentación sería simultaneamente creación, y su modelo, por tanto, habría que buscarlo en el arte, o em el pensamiento concebido, en última instancia, como discurso mitológico. Por lo demás, es evidente que con ello tenemos la formulación más radical de lo que se há dado en llamas *absolutismo romântico*: la idea de que la verdadera experiencia estética sería la experiencia del Absoluto mismo, y que el arte sería esse lugar donde se haría manifiesta la realidad suprema que las religiones pagana y Cristiana, al igual que la filosofía racionalista, aspiraban a alcanzar con sus próprios médios todavía insuficientes. Puesto que la intuición intelectual sería también el fundamento de su teoría del *gênio* em cuanto que derivación estética de aquélla (JARQUE, 2015, p. 219).

A transcendência ascendente do espírito ao estado absoluto, possibilitada pela contemplação objetiva da pluralidade dos seres naturais e pela reflexão da linguagem qualitativa da natureza mundana, ao exteriorizar os sentimentos na forma de representações artísticas em um movimento descendente, valorizou significativamente o caráter teológico dos fenômenos cósmicos na fundamentação do conhecimento. Essa relação entre movimento ascendente e descendente do espírito, que é uma forte característica da Filosofia Estética do Romantismo, é apreendida na perspectiva dialética. A ascendência do espírito tem seu ponto de partida no elemento empírico. Ao contemplar a beleza dos estatutos ontológicos da natureza, o espírito interioriza os sentimentos emergentes da experiência.

Rintelen (1947) enfatiza que, na interioridade humana os sentimentos procedentes da experiência estética estão vinculados a melancolia, a angustia e ao sofrimento. Pretexto

Realização:





XXXV ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA “A
DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA DA
DIVERSIDADE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO
XXI” Erechim-RS, 12 a 14 de outubro de 2018

da obscuridade desses sentimentos é o (re)conhecimento da infinitude divina, pela finitude corpórea. No estamento absoluto, ao contemplar a unidade máxima da beleza correspondente ao substrato divino, o espírito exterioriza-se em movimento descendente rumo ao estado objetivo, levando consigo o conteúdo sentimental dessa profunda experiência estética. Nesse trajeto, os sombrios sentimentos melancólicos são metamorfoseados, para terem seus conteúdos manifestados nas representações artísticas. Essa situação, é asseverada pelo autor da seguinte maneira:

Hemos visto así, que el romanticismo regressa a la hondura de la vivencia sentimental, hondura que puede elevarse hasta el espíritu y que, no obstante, permanece inegotable. En ello se há de palpar la proximidad de lo infinito, obteniéndose al mismo tempo la liberación del mismo. Pero a nuestro parecer, la hondura, el estar y el llegar adentro, el avance havia el meollo que tan sólo es dable sentir, podrán conducir a la salvación bajo la única premissa de que se cuente entre su matrimonio asimismo la altura, la cima, la claridad, pureza u anchura. Así, hondura y altura pueden enlazarse, ya que em todas las altitudes también hay profundidad estética (p. 165).

Esse movimento dialético, um dos traços fundamentais das teorias filosóficas estéticas dos românticos alemães do século XVIII, que atravessa as fronteiras das formalizações matemáticas das oficinas e dos laboratórios dos filósofos naturais para se tornar um meio essencial para a justificação verossímil dos fenômenos da natureza, está conectado a imagem de natureza em termos qualitativos e pitorescos. O conteúdo empírico, ao provocar no gênio romântico sentimentos deleitosos diante da constatação da infinitude da natureza, não é apático e nem fechado em si. Sua essência conduz o homem à liberdade e a alma ao verdadeiro esclarecimento dos fenômenos cósmicos, projetando, desta maneira, os exímios sentimentos nas representações artísticas. Assim,

Na fronteira entre o mundo material, onde se insere a atividade humana, e o mundo imaginário, abrindo seu conteúdo simbólico à liberdade do espírito, nós reencontramos aqui uma geografia interior, primitiva, em que a espacialidade original e a mobilidade profunda do homem designam as direções, traçam os caminhos para um outro mundo; a leveza se liberta dos pensadores para se elevar aos cumes. A geografia não implica somente no reconhecimento da realidade em sua materialidade,

Realização:





XXXV ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA “A
DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA DA
DIVERSIDADE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO
XXI” Erechim-RS, 12 a 14 de outubro de 2018

ela se conquista como técnica de *irrealização*, sobre a própria realidade (DARDEL, 2015, p. 5).

A exposição de Dardel (2015) permite presentir a atmosférica mágica do ambiente intelectual em que a Geografia deu seus primeiros passos epistemológicos. Em conformidade com o autor, Vitte (2007) destaca, que no período de efervescência cultural da Alemanha do século XVIII, os pensadores românticos desejaram instituir uma representação de mundo condizente aos belos retratos artísticos paisagísticos e às formosas descrições dos ambientes naturais terrestres. Humboldt (1769-1859), de acordo com o autor, foi a melhor expressão figurativa do gênio romântico. Em suas *Contribuições à História e à Epistemologia da Geografia* ele afirma que:

O esforço destes cientistas-artistas era o de combater a visão metafórica da natureza. Esta foi a época de construção do horizonte geográfico, quando as descobertas geográficas permitiram o desenvolvimento do mundo artístico, sendo esta a substância das explorações geográficas, acompanhada de uma profunda linguagem científica e de empirismo. É neste momento, por exemplo, que a Europa é despertada para a variedade geográfica da superfície da Terra e que esta variedade deveria ser retratada pictórica e cientificamente (VITTE, 2007, p. 34).

Alexander von Humboldt (1769 – 1859), importante representante do Romantismo Alemão, apresenta a natureza na perspectiva qualitativa. Nos dois volumes dos *Quadros da Natureza* (1807), ele expressa, em tonalidades sublimes, o caráter nostálgico advindo da contemplação imensurável e desinteressada da natureza. Quando esteve na Venezuela, no ano de 1805, entre o Rio Orenoco e o Rio Amazonas, ele descreve:

Os bosques e os montes ressoam com o fragor das quedas de água, dos rugidos do jaguar e dos uivos roncões do macaco barbudo, presságio da chuva. Nos sítios onde a seca deixa descoberto um banco de areia, jazem imóveis, como pedaços de rocha, e de boca entreaberta, crocodilos de pele áspera e escamosa. É tal sua insensibilidade que muitas vezes estão coberto de pássaros. Com a cauda enlaçada ao tronco de uma árvore, e enrolada sobre si mesma, está a boa [jiboia], cuja pele, semeada de manchas, parece um tabuleiro de xadrez, emboscada na margem e certa da presa. Apenas vê um novilho selvagem, ou qualquer outra peça de caça de menor vulto, desenrola-se e estende-se, agarra a vítima, envolve-a em baba, e fala entrar com esforço na faringe dilatada (1952, p. 27).

Realização:





XXXV ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA “A
DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA DA
DIVERSIDADE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO
XXI” Erechim-RS, 12 a 14 de outubro de 2018

A descrição proporcionada por Humboldt (1952) faz pressentir a dimensão lírica da natureza dos românticos alemães. A apresentação acurada dos detalhes e a narrativa minuciosa da vivência momentânea auxiliam a conformação de uma cosmovisão qualitativa marcada pela preeminência das pluralidades naturais. O (re)conhecimento e as anotações das pluralidades culturais com a viagem de Herder, a exteriorização dos sentimentos impetuosos pela dialética da filosofia estética de Goethe, o sentimento desinteressado pela natureza, mediante a enunciação dos juízos de gosto de Schiller, e as descrições emotivas das paisagens de Humboldt, foram responsáveis, em parte, pela conformação de uma cosmovisão qualitativa e heterogênea, não mensurada pelo cálculo matemático e por grandezas geométricas. Contra essa visão de mundo uniforme, retilínea e constante, objetivada pela experimentação instrumental, típica do Iluminismo e da Ciência Moderna, esses pensadores românticos, os primeiros do movimento romântico alemão, do século XVIII, lutavam. Almejando a libertação do ser, mediante a contemplação estética da natureza, e pelas capacidades cognitivas ligadas ao diletantismo das artes, projetaram uma cosmovisão consoante à dramaturgia poética e ao sentimentalismo telúrico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse ínterim, apontaram-se importantes, porém, breves, questões do trabalho e salientou-se a importância da filosofia romântica na formalização epistemológica da Geografia de Humboldt. Elucidou-se um conjunto de ideias e proposições significativas, para se pensar o universo como uma unidade infinita, contingente e absoluta. Assim, apresentou-se, momentaneamente, a etapas de articulação e construção sistemática da ideia de natureza, na perspectiva dos pensadores do primeiro Romantismo Alemão, e a influência de tal movimento, na conformação epistemológica da Geografia de Alexander von Humboldt.

REFERÊNCIAS

Realização:





XXXV ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA “A
DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA DA
DIVERSIDADE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO
XXI” Erechim-RS, 12 a 14 de outubro de 2018

CAREAUX, O, M. **A Literatura Alemã**. São Paulo: Cultrix, 1963.

DARDEL, E. **O Homem e a Terra: Natureza da realidade**. Tradução de Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015.

HUMBOLDT, A, von. **Quadros da Natureza**. Tradução de Assis Carvalho. São Paulo: W. M Jackson INC, 1952.

JARQUE, Vicente. El movimieto romântico. In Valeriano Bozal. **Historia de las ides estéticas y de las teorías artísticas contemporáneas, v 1**. Madrid/Esp: Top Printer Plus, 2015, p. 212-225.

MOREIRA, R. **O Pensamento Geográfico Brasileiro: As matrizes clássicas originárias**. São Paulo: Contexto, 2010.

RINTELEN, F, J von. Romanticismo, Clasicismo y la Concepción Goetheana Del Espíritu. **Estudios Germánicos: Número especial dedicado a Johann Wolfgang Goethe**. Boletín nº 49. Buenos Aires/Arg, 1949, p. 154-186.

VITTE, A. C. **Contribuições a História e a Epistemologia da Geografia**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

Realização:

